

A função do *Mas* em artigos de opinião produzidos por alunos do Ensino Médio

p. 79 - 90

Carla Catarina Silva¹

Resumo

Este artigo propõe, à luz da Linguística Funcional, compreender as funções do *mas* em textos opinativos, produzidos por alunos do ensino médio, visto a atuação desse como conectivo e como Marcador Discursivo (MD). Para tanto, baseados, principalmente, nos trabalhos de Castilho (2010) e Antonio, Hintze e Alves (2014), investigamos como ocorre tal atuação em se tratando da função das relações que o elemento *mas* estabelece nos textos, mais especificamente em Artigos de Opinião produzidos por alunos do 3º ano do ensino médio de um colégio público da cidade de Jacarezinho/PR. Os resultados apontam que a maior parte das ocorrências do *mas* marcam atuação como conectivo, indicando contraste. Verificamos, também, uma ocorrência do elemento como MD, e outra ainda como conectivo, não na indicação de contraste, mas parte de um dos elementos de sentenças correlativas.

Palavras-Chave: Conectivos. Marcadores Discursivos (MDs). Linguística funcional

THE FUNCTION OF *BUT* IN OPINATIVE TEXTS PRODUCED BY HIGH SCHOOL STUDENTS

Abstract

This article is aimed, based on Functional Linguistics, to understand the functions of *but* in opinative texts produced by high school students, since it works as a connector and as a Discourse Marker (DM). In order to do so, based mainly on the works of Castilho (2010) and Antonio, Hintze and Alves (2014), we investigated its occurrence according to the relations that the element establishes in the texts, specifically in Opinion Articles produced by students of the third year of high school in a public school in Jacarezinho/PR. The results indicate that most occurrences of *but* mark action as a connector, indicating contrast. We also verified an occurrence of the element as DM, and another as a connector, but instead of indicating contrast, it was part of one of the elements in correlative sentences.

Key words: Connectors. Discourse Markers (DMs). Functional Linguistics.

Considerações Iniciais

Este artigo está inserido no escopo da Linguística Funcional, a qual se volta para uma investigação linguística que difere de uma perspectiva estruturalista por buscar a motivação dos fatos da língua no contexto discursivo e, dessa

forma, conceber a língua como instrumento de interação social (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Nessa perspectiva, apoiamos-nos, principalmente, nos trabalhos de Castilho (2010), no que concerne à visão funcionalista de conexão entre sentenças, e de Antonio, Hintze e Alves (2014) no que tange à abordagem de conectivos e

¹ Pós-graduanda, em nível de Mestrado, pela Universidade Estadual de Maringá – PLE-UEM.

Marcadores Discursivos (doravante MDs).

Sendo assim, de acordo com a abordagem adotada e tendo em vista o aporte teórico para a realização deste estudo, entendemos que a gramática de base funcionalista

[...] além de avaliar estruturas, funções e interpretações do sistema, faz a interpretação de textos abordados por ela como unidades de uso. Essas unidades integram, entre si, componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, dos quais os pragmáticos é que acercam os demais, ou seja, são os usos que fundamentam as expressões linguísticas. (MAMUS, 2009, p. 23)

Em outras palavras, na abordagem funcionalista a articulação que ocorre entre as orações “é vista sob o prisma dos seus diversos componentes (sintáticos, semânticos e pragmáticos), com o objetivo de dar conta da heterogeneidade de tipos de enunciados que se podem encontrar no discurso.” (REIS, 2010, p. 24)

Segundo Antonio e Alves (2013), o reconhecimento das relações implícitas estabelecidas pelas partes de um texto, dentre outros fatores, é o que permite sua compreensão. Os autores afirmam também que as proposições relacionais aparecem nos textos independente da existência de marcas explícitas de sua presença. No entanto,

Alguns dos meios mais utilizados pelos falantes para marcar as relações são os conectivos e os marcadores discursivos (doravante MDs) que funcionam como *cuewords*, ou seja, são palavras que fornecem pistas para a identificação das relações estabelecidas. (GÓMEZ-GONZÁLEZ E TABOADA, 2005; TABOADA, 2009 apud ANTONIO E ALVES, 2013, p. 174)

Isso posto, nossa atenção volta-se para a atuação do *mas* em textos opinativos de alunos do ensino médio, visto que, em comunhão

com Oliveira (2012), verifica-se o uso de MDs redacionais em gêneros formais da escrita, com finalidade coesiva; em decorrência, o elemento *mas* não estaria sendo utilizado apenas como conectivo de contraste nessas formas de texto. Para verificar tal ocorrência, utilizamos como corpus de análise Artigos de Opinião produzidos por alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Jacarezinho, localizada no extremo norte do Paraná. Nosso interesse se justifica diante da nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Letras/Português, do campus de Jacarezinho da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), o qual trabalhou com o gênero textual Artigo de Opinião na referida turma no ano de 2014. A escolha do gênero se fez de acordo com o resultado de um questionário que apontou que grande parte dos alunos tinha interesse em participar do vestibular da UENP, o qual solicita o gênero textual Artigo de Opinião como redação de seu vestibular.

Os Artigos de Opinião analisados fazem parte de uma primeira produção solicitada à turma pelo subprojeto. Antes do início das intervenções em sala, os alunos produziram os referidos textos a fim de que a equipe do subprojeto pudesse verificar o nível de produção textual dos discentes. Ressaltamos que os estudantes não tiveram ajuda na produção textual, já que o objetivo se pautava em verificar o que os alunos sabiam de antemão em relação ao gênero textual proposto, à argumentação, à coerência e à coesão textual, dentre outros aspectos. Salientamos ainda que denominamos os textos de Artigos de Opinião, dada a proposta de trabalho com o gênero, ainda que parte deles não tenha se configurado dentro do que se entende por gênero textual Artigo de Opinião.

Dessa feita, apresentamos a noção de conexão textual e conectivos, em comunhão com

a visão funcionalista de linguagem, para, então, analisar os usos do mas nos Artigos de Opinião tomados para análise.

A conexão

Conforme Reis (2010), em relação à conexão entre orações, as gramáticas, em geral, apoiam-se na dicotomia entre coordenação e subordinação e/ou entre hipotaxe e parataxe. Já Castilho (2010) considera a correlação como outro tipo de conexão.

Sendo assim, em relação à conexão entre partes de um texto, existem algumas possibilidades de ligação entre as orações/períodos. Castilho (2010) prefere utilizar, em lugar de período, o termo sentença complexa, já que tudo o que acontece com uma sentença simples também ocorre em uma sentença complexa. Segundo o autor, as sentenças complexas apresentam quatro formas de ligação: 1) justaposição umas às outras, marcadas por vírgula na língua escrita; 2) Ligação por conjunções, estabelecendo uma relação conjuncional que compreende a coordenação ou a subordinação; 3) ligação por meio de verbo em forma nominal, sem conjunções, estabelecendo uma relação de subordinação não conjuncional entre as sentenças; 4) relação estabelecida por meio de um elemento juntivo na primeira sentença que determina a presença de um elemento redobrado na segunda sentença, chamada de relação de correlação.

A Gramática Tradicional, doravante GT, desconsidera a correlação, dividindo as orações entre coordenadas e subordinadas. A coordenação pode ocorrer: a) sem a presença de conjunções, tipo de ligação correspondente à justaposição apresentada por Castilho (2010), a qual a GT denomina como orações coordenadas assindéticas; b) com a presença conjunções, dividindo-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e

explicativas. Já a subordinação se apresenta sob três classificações: 1) subordinadas substantivas, que se subdividem em subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas, completivas nominais e apositivas; 2) subordinadas adjetivas, que se subdividem em explicativas e restritivas; 3) subordinadas adverbiais, que por sua vez se subdividem em causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, consecutivas, temporais e comparativas.

Já a tipologia das sentenças complexas apresentada por Castilho (2010) se apresenta em Coordenação ou independência (sentenças coordenadas conjuncionais ou justapostas), Subordinação ou dependência (sentenças encaixadas, em que uma oração é argumento de outra) e Correlação ou interdependência (em que na primeira sentença aparece uma expressão que se correlaciona com outra expressão da segunda, verbalizando dois atos de fala que possuem relação recíproca).

As correlativas, desconsideradas pela GT, são aquelas que, de acordo com Módolo (1999), apresentam uma forma de conexão por meio de dois elementos, o que as diferem das coordenadas, já que não ocorre independência entre as sentenças/orações, e as diferem, também, das subordinadas, já que não ocorre dependência de uma sentença/oração à outra. Dessa forma, estabelecem-se relações de interdependência, ou seja, “a estrutura frásica das duas sentenças que se correlacionam está estreitamente vinculada por expressões conectivas.” (MÓDOLO, 1999, p. 3). Ainda segundo o autor, das orações consideradas coordenadas pela GT, são correlatas as sindéticas aditivas e alternativas; daquelas consideradas subordinadas pela GT, são correlatas as adverbiais consecutivas e comparativas. Nas palavras de Castilho (2010),

Não é adequado tratar as aditivas e

as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Elas são diferentes (i) discursivamente, pois põem em relevo dois atos de fala; (ii) semanticamente, pois combinam diferentes categorias; e (iii) gramaticalmente, pois são interligadas por meio de conjunções complexas. (CASTILHO, 2010, p. 387)

As conexões entre as partes do texto podem se dar, dessa forma, no processo de justaposição, no processo de orações com formas nominais – como no caso das orações com gerúndio (REIS, 2010) - ou por conectores, que estabelecem as relações entre as partes textuais, dentro das possibilidades de ligação existentes.

Os conectivos

Segundo Antonio, Hintze e Alves (2014), na tradição gramatical, atribui-se a função conectiva às palavras pertencentes à classe das conjunções para o estabelecimento de relações entre orações ou partes de um texto. Contudo, conforme os autores, palavras pertencentes a outras classes gramaticais, expressões e MDs também podem estabelecer tais relações.

De acordo com Castilho (2010, p. 341), alguns autores consideram as conjunções “a partir de mais de um sistema, examinando o polifuncionalismo que assinala esta como qualquer outra classe de palavras”. Para Halliday e Hasan (1976), as conjunções são tipos de relação semântica difícil de definir claramente, podendo ser entendidas como formas pelas quais o que irá se seguir está conectado com o exposto anteriormente.

Em relação aos MDs, ainda não há uma concepção clara sobre eles. Uma das abordagens, a qual consideramos neste trabalho, é a que os considera como expressões de natureza conectiva e também ligadas ao gerenciamento da conversação (PENHAVEL, 2013). Risso, Silva e

Urbano (2006) apresentam uma definição muito pertinente, abordando os MDs como

Um grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (RISSO, SILVA e URBANO, 2006, p. 78)

Segundo Penhavel (2013), dentre algumas abordagens, há a perspectiva que considera os MDs expressões de natureza conectiva, assim como ligadas ao gerenciamento da conversação, e, de acordo com o autor, ainda que haja diferentes perspectivas sobre a questão, possivelmente todas ou a maioria compartilha da ideia de que os MDs são elementos que facilitam o processamento do discurso.

Dessa forma, ressaltamos que, conforme Antonio, Hintze e Alves (2014), há alguns aspectos que dividem em duas as funções dos MDs, podendo exercer articulação tópica, chamados basicamente de sequenciadores; ou orientação da interação, chamados interacionais. Sendo assim, nos atemos aos MDs sequenciadores que, de acordo com Risso (2006, apud ANTONIO; HINTZE; ALVES, 2014), são conjuntos de palavras ou locuções que participam do amarramento do texto em relação às porções de informação liberadas durante o evento comunicativo e no encaminhamento de perspectivas que se assumem sobre o assunto, no ato interacional. Ainda segundo Antonio, Hintze e Alves (2014) – baseado em Schiffrin (1987) – os MDs atuam em relação à coesão e à coerência textual, e possuem três propriedades características: aparente multifuncionalidade, não-obrigatoriedade e diversidade formal.

Mas como conectivo e como MD

Segundo Neves (2000), “A **conjunção coordenativa MAS** marca uma relação de desigualdade entre os segmentos coordenados” (p. 755, **grifo no original**) e, dessa forma, “coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro, especificando-se essa desigualdade conforme as condições contextuais (p. 756). Exemplo: “Vocês servem mal, **MAS** a comida é ótima!” (NEVES, 2000, p. 755, **grifo no original**). Ainda de acordo com a autora, os segmentos coordenados pelo elemento *mas* podem ser sintagmas, orações ou enunciados.

Nesse sentido, segundo Antonio, Hintze e Alves (2014), o *mas* como conectivo sinaliza uma relação retórica de contraste, sendo utilizada para demonstrar incompatibilidade entre os núcleos. Os autores, que, a saber, trabalham com a Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST)² afirmam que o contraste ocorre em “Não mais que dois núcleos; as situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) comparado com respeito a uma ou mais dessas diferenças” (ANTONIO; HINTZE; ALVES, 2014, s/p.). Os autores apresentam ainda - baseados em Vogt (1980) e Neves (2000), que descrevem a polaridade como um dos mecanismos para verificar o contraste entre sentenças - a presença da relação entre pólos positivos e negativos nos núcleos que se contrastam.

O *mas* pode funcionar também como MD, assim como afirmado anteriormente. Alguns exemplos³ serão utilizados para uma melhor demonstração do elemento *mas* com tal

funcionalidade, em cada relação que ele estabelece, de acordo com Antonio, Hintze e Alves (2014).

Como MD, segundo Antonio, Hintze e Alves (2014) - baseados em Castilho (2010) - o *mas* pode exercer função discursiva na retomada de tópicos, estabelecendo relação de retomada, como no exemplo utilizado pelos autores: “... então .o jesuíta de certa forma embora .. em alguns momentos ele seja um entra::ve, .. ele atrapa::lhe a colonização, .. porque ele/ele disputa por exemplo é o controle sobre os nati::vos né, .. éh éh ele não permite a escravização dos ín:dios, .. então ele acaba criando algu/alguns problemas. .. *mas* por outro lado .. ele acaba por exemplo ao:: ao catequizar os índios, .. ele facili::ta: a colonização que era por parte do outro colonizador .. né. ..embora não tenha:: éh isso:: como projeto .. né,” (s/p., *grifo nosso*). No exemplo, de acordo com Antonio, Hintze e Alves (2014) o *mas* é utilizado para sinalizar ao interlocutor a retomada de tópico discursivo.

O *mas* também pode atuar como MD ao exercer função retórica, estabelecendo relação de preparação, como neste exemplo também utilizado por Antonio, Hintze e Alves (2014): “... gente vocês poderiam perguntar assim, ..professo::ra .. *mas* tudo isso pra is/p pra esse relató::rio? .. então vejam essas páginas aí é pra todos os relatórios que vocês vão elaborar .. tá? ..vocês te/terão o material aí pra fazer .. esse trabalho,” (s/p., *grifo nosso*). Segundo os autores, neste caso, o *mas* foi utilizado para iniciar uma pergunta retórica.

Antonio, Hintze e Alves (2014) apresentam ainda a função de sinalização de inserções parentéticas, estabelecendo relação parentética,

2 A Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST) é uma corrente que se filia à Linguística Funcional e oferece, de acordo com Antonio e Alves (2013), uma abordagem pertinente à questão das relações retóricas, chamadas também de relações de coerência, ao versar sobre tais relações no nível discursivo e gramatical – na combinação entre as orações.

3 Os exemplos utilizados fazem parte de um conjunto de elocuições formais do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná), utilizados por Antonio, Hintze e Alves (2014) em seu trabalho intitulado “Classes de palavras: da tradição gramatical aos estudos da língua em uso”, utilizado como referência no presente artigo.

em que o *mas* também funciona como MD, como no exemplo: “...esse calor estimula...va .. elas se combinar e fazer as famosas .. ligações .. peptídicas .. que nós iremos ver. ..mas só pra lembrar, ..ligações peptídicas são as ligações feitas .. entre dois aminoácidos para formar .. proteínas. ..então as ligações por aminoácidos são as ligações peptídicas.. tá?” (s/p., grifo nosso). De acordo com os autores, o *mas* foi utilizado para apresentar uma informação extra que não estava presente no fluxo textual principal.

Tendo em vista as várias funcionalidades do elemento *mas*, analisaremos sua ocorrência nas produções textuais tomadas para análise.

A atuação do *mas* em Artigos de Opinião produzidos por alunos do ensino médio

A turma do 3º ano do ensino médio, da qual provêm os textos realizou a produção textual no ano de 2014, a partir da temática “50 anos da ditadura militar no Brasil”, escolhida pelo subprojeto PIBID, visto que esse tema estava sendo abordado por outras disciplinas, no colégio, em preparação à Feira Cultural a ser realizado na escola.

No dia da aplicação do simulado para a realização da primeira produção textual dos alunos, 13 estudantes realizaram a produção escrita de Artigos de Opinião, tendo como auxílio alguns textos de apoio relativos ao tema, e, dentre essas 13 produções realizadas, 8 apresentaram o elemento *mas* em uma ou mais ocorrências. Frente a isso, a atuação do *mas* será analisada em relação à função das relações que ele estabelece entre as partes do textos.

A atuação do *mas* como conectivo, estabelecendo relação de contraste entre os núcleos, ocorreu em 7 dos 8 Artigos de Opinião em que o elemento aparece. Foram retirados

trechos dos textos dos alunos para análise (a transcrição dos textos completos está disponível nos anexos do presente artigo). Os nomes dos alunos foram preservados, sendo chamados de Alunos A, B, C, D, E, F, G e H. Ressaltamos que os textos dos quais os trechos provêm foram transcritos exatamente como se apresentam nos originais. Para melhor visualização, o *mas* aparece em destaque nos trechos retirados:

Aluno A:

[...] E neste golpe houve muitos conflitos, muitas pessoas sofrendo. Exemplos: autores, e todos que fossem oposto ao regime, esses foram presos neste período, ao governo militar.

Mas com o passar do tempo as coisas foram melhorando. Hoje não existe mais esses conflitos e repressões deste tipo.

O *mas* funciona como conectivo, embora o aluno A tenha iniciado um novo parágrafo com uso do elemento. O contraste se encontra na afirmação de que na época do golpe militar havia muitos conflitos e pessoas sofrendo, *mas* que, com o passar do tempo - na afirmação seguinte - as coisas foram ficando melhores, pois não existe mais tais conflitos e repressões citados no parágrafo anterior.

Aluno B:

[...] Caso houvesse algo que desagradasse os militares, não podia ser exposto às pessoas. Neste ano muitas pessoas foram presas e torturadas por não aceitar tais decisões.

Atualmente, tem pessoas que ainda querem a volta da ditadura militar, *mas* a maioria delas não deve conhecer o que realmente ocorreu neste período no qual muitas mortes, torturas, e prisões. Quem viveu esta época sabe realmente o que é sofrer, o que é não poder fazer nada. [...].

Neste caso, a incompatibilidade entre os núcleos, caracterizando o *mas* como conectivo, ocorre no fato de o aluno B afirmar que há pessoas que desejam o retorno da ditadura militar, contudo, justifica tal desejo pela falta de

conhecimento dessas pessoas em relação ao que aconteceu realmente naquela época, o que autor do texto cita ao falar das prisões e torturas. Ou seja, essas pessoas querem a volta da ditadura militar (polo positivo), mas não sabem o quão ruim esse regime foi para desejarem tal retorno (polo negativo).

Aluno D:

[...] Esse período durou 21 anos de horror em que mataram mais de 18 mil jovens. Nos dias atuais, alguns jovens equivocados querem que o regime volte, porque eles acham que não havia pobreza e desemprego naquela época. *Mas* “não havia” porque a mídia censurava e escondia tudo de ruim que estava acontecendo no país.

Neste trecho, o aluno D apresenta situações ruins da época da ditadura, posteriormente afirmando que muitos jovens, que ele classifica como equivocados, querem a volta do regime militar, pois acreditam que naquele período não havia pobreza e desemprego. O uso do *mas* como conectivo se dá pelo fato de que, embora tais jovens pensem dessa forma, o que realmente existia era uma censura da mídia para esconder as situações ruins do país, como a pobreza e o desemprego. Desta forma, o contraste está presente, pois os jovens, que o aluno D cita, acreditavam que não havia problemas naquela época (polo negativo), mas eles existiam, só eram encobertos (polo positivo).

Aluno E:

[...] A ditadura militar vai de 1964 e 1985, é caracterizado pela falta de direito da sociedade, pelos militares aos que eram contra sua política de governo. Foi com certeza a época que houve novas manifestações e com isso, os estudantes, as organizações da população foram ganhando mais espaço, foram cada vez mais lutando pelos seus direitos, *mas* não foi fácil para a sociedade, com *essas* manifestações que milhões de pessoas foram submetidas a inúmeras torturas e muitas pessoas foram mortas também, o que mais surpreende hoje as pessoas que vivenciou a ditadura militar e

sofreu todas aquelas torturas, é que muitas pessoas não preso até hoje. [...].

A atuação do *mas* como conectivo, expressando contraste, ocorre no fato de apresentar um núcleo positivo ao afirmar que no período da ditadura houve muitas manifestações populares na luta pelos direitos da população, o que contrasta com o núcleo negativo da afirmação seguinte, a de que não foi fácil para a sociedade. Então, embora existissem manifestações pela busca dos direitos, o que, de acordo com o aluno E, foi ganhando cada vez mais espaço, isso não foi nada fácil.

Aluno F:

[...] A ditadura foi o poder concentrado na mão dos militares, que controlavam e reprimiam as pessoas na hora de pensar e agir. Muitas pessoas sofriam várias torturas e perseguições por irem contra o governo militar, estes eram obrigados a seguir esse regime obedecendo suas regras! O tempo passou e com ele a ditadura também, porém o que restou disto foram as marcas causadas por esse período. Cinquenta anos se passaram, *mas* se engana quem acredita que as manipulações acabaram, sofreremos com isso através da TV, rádio e jornais, muitos vivem em uma grande alienação, vêem escutam notícias que muitas vezes não nos trazem a verdade de que precisamos. [...].

O aluno F, neste trecho, apresenta as situações ruins do regime militar, como torturas e manipulações. O contraste que caracteriza o *mas* como conectivo ocorre no fato do aluno afirmar que 50 anos se passaram desde o período em que as situações ruins ocorreram, mas que está enganado quem pensa que as manipulações, tal como na época do regime, acabaram. Sendo assim, a afirmação de que muito tempo se passou desde a ditadura contrasta com a afirmação de que as manipulações ainda acontecem.

Aluno G:

[...] Nesse período foram criados o plado “milagre econômico” objetivo de desenvolver o país, *mas* que na verdade acarretou diversos problemas para o país, como a dívida externa que só foi paga em 2003 no governo do presidente Lula. [...].

O contraste marcado pelo conectivo *mas*, neste caso, ocorre no fato do aluno G apresentar a informação de que foi criado, no período da ditadura, um plano econômico para desenvolver o país, mas que tal plano só prejudicou o Brasil, marcando diferença entre as sentenças.

Aluno H:

[...] Muitas pessoas foram presas por não concordarem com a forma de Governo imposto neste período só existia dois partidos que poderiam se enfrentar nas eleições era a ARENA e o MDB que era a oposição. Hoje em dia existem pessoas que ainda querem a volta da Ditadura militar *mas* esta foi uma época muito ruim para todos. Se a Ditadura em nosso país voltasse seria ruim para todos pois hoje em dia vivemos uma democracia[...].

O *mas* como conectivo marca o contraste, neste trecho, entre o núcleo da afirmação de que hoje em dia existem pessoas que desejam a volta da ditadura militar, e o núcleo que se segue, afirmando que a ditadura foi uma época muito difícil, marcando a diferença entre as sentenças.

Verificamos, desta forma, que em todos os usos do *mas* nos trechos apresentados, tal como afirmam Antonio, Hintze e Alves (2014), o contraste ocorre entre dois núcleos, que marcam uma ou mais diferenças entre eles, na presença, muitas vezes, de polos negativos e positivos em relação à informação dada.

Analisando os 8 textos em que o *mas* foi empregado, sua função como MD foi encontrada em um deles:

Aluno D:

No ano de 2014, a ditadura militar completa 50 anos, e depois de 30 anos que acabaram as torturas e as reações as marcas ainda estão

nos brasileiros violentados.

Este ano houve uma manifestação em São Paulo que os jovens pediam a volta da ditadura. *Mas* porque depois de tantos anos as pessoas querem a volta de um período tão bárbaro no Brasil?

A ditadura começou depois da derrubada de Jango do governo, por causa de sua instabilidade na presidência e também pelo alto custo de vida naquela época. Em 1964 os militares assumiram o total poder do Brasil e daí em diante começaram as atrocidades torturas, censura e até morte de qualquer brasileiro que era contra a ditadura.

Neste caso, o *mas* apresenta função de MD, visto que, conforme Castilho (2010), inicia uma pergunta retórica para introduzir uma historicização da ditadura militar no país. Ele marca uma função retórica de preparação para iniciar a pergunta: “Mas porque depois de tantos anos as pessoas querem a volta de um período tão bárbaro no Brasil?”, que não é respondida, mas utilizada para introduzir um subtópico no qual o aluno D narra acontecimentos do período da instauração do regime militar.

Foi encontrada, ainda, mais uma ocorrência do *mas* em um dos Artigos de Opinião analisados, marcando uma função diferente:

Aluno B:

O ano de 2014 marca, os 50 anos de muitas mortes, repressões, tortura e além disso poder absoluto por parte dos militares. O assunto volta a ganhar força não apenas pelas atrocidades cometidas contra os cidadãos daquela época, *mas* por todos aqueles anos de um golpe civil-militar.

Neste caso, o *mas* funciona como um dos elementos que se correlacionam em duas sentenças, sendo assim, não pode ser analisado sozinho. A expressão não apenas (grifada no trecho), presente na primeira sentença, se correlaciona com o elemento *mas*, na segunda, verbalizando dois atos de fala, discursivamente, e interligando as sentenças por meio de conjunções complexas, gramaticalmente (CASTILHO, 2010).

O elemento *mas* marca uma “adição”, podendo ser trocada, por exemplo, pela expressão *como também*, sem prejuízo de sentido. Estamos, nesse trecho, diante de uma correlação ou interdependência, que marca uma conexão entre as sentenças por meio de dois elementos, não ocorrendo independência, como nas coordenadas, nem dependência como nas subordinadas (CASTILHO, 2010; MÓDOLO, 1999).

Considerações finais

Esse artigo propôs compreender, à luz da visão funcionalista de linguagem, a função do *mas* em Artigos de Opinião de alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Jacarezinho, norte do Paraná, visto sua ocorrência na grande maioria dos textos realizados pela turma, no projeto PIBID - subprojeto de língua portuguesa - do qual fizemos parte.

Os resultados apontam que o elemento atua, em 7 dos 8 textos analisados, como conectivo, estabelecendo relação de contraste entre partes do texto. Atua também como MD, tendo uma ocorrência entre os Artigos de Opinião verificados, em que o *mas* foi utilizado com função retórica, estabelecendo relação de preparação ao iniciar uma pergunta retórica para introdução de subtópico. Verificamos ainda que em um dos textos o *mas* atua como uma das conjunções (conectivo) que estabelece a correlação entre as sentenças, tendo um “valor de adição” diferentemente das funções analisadas nos casos anteriores.

Pudemos constatar, dessa forma, a presença de usos diferenciados do elemento *mas* nos Artigos de Opinião produzidos, atuando: como conectivo, na relação de contraste; como MD, tal como afirma Oliveira (2012) ao falar da presença de MDs em gêneros formais da escrita;

como conjunção complexa (conectivo) parte de um dos elementos que estabelecem a correlação ou interdependência entre as sentenças

Referências Bibliográficas

ANTONIO, J. D.; ALVES, D. V. S. **Relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo então em elocuições formais**. Veredas (UFJF. Online), v. 17, n. 2. p. 173-197, 2013.

ANTONIO, J. D.; HINTZE, A. C. J.; ALVES, R. J. **Classes de palavras: da tradição gramatical aos estudos da língua em uso**. Maringá: UEM, 2014. 144 p.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 768p.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

MAMUS, P. T. **Uma investigação funcionalista dos meios de expressão das relações retóricas de causa e resultado em elocuições formais**. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MÓDOLO, M. **Correlação: estruturalismo versus funcionalismo**. (Pré) publications: forskning og undervisning. n.º. 168, februar. Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.

OLIVEIRA, I. G. **O uso de marcadores discursivos em textos redacionais**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

PENHAVEL, E. Algumas reflexões sobre a questão da gramaticalização de marcadores discursivos. **Revista E-escrita: Revista do curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v. 4, número 2, especial, 2013, p. 69-82.

REIS, A. R. G. **Orações de gerúndio nas**

modalidades falada e escrita do português. 2010. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2010.

RISSO, M. S. Marcadores Discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. e KOCH, I. G. V. (Ed.) **Gramática do português culto falado no Brasil** – V. I: Construção do texto falado. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2006. P. 427-496.

ANEXOS

Aluno A:

A Crise Brasil

Em 31 de março de 1964 as forças armadas tomam o poder do Brasil e derrubam o Presidente João Goulart iniciando-se assim um novo ciclo político em nosso país.

O Brasil vivia uma crise econômica desde a renúncia do Presidente Jânio Quadros em 1961, o vice João Goulart incentivava o populismo de esquerda e enfrentava a oposição dos chefes militares.

Assim cinco dias antes da posse popular o congresso aprova uma imenda instituída, o regime parlamentarista no Brasil.

E neste golpe houve muitos conflitos, muitas pessoas sofrendo. Exemplos: autores, e todos que fossem oposto ao regime, esses foram presos neste período, ao governo militar.

Mas com o passar do tempo as coisas foram melhorando. Hoje não existe mais esses conflitos e repressões deste tipo.

Aluno B:

Um pesadelo vivo na memória do Brasil

O ano de 2014 marca, os 50 anos de muitas mortes, repressões, tortura e além disso poder absoluto por parte dos militares. O assunto volta a ganhar força não apenas pelas atrocidades cometidas contra os cidadãos daquela época, mas por todos aqueles anos de um golpe civil-militar.

Com o apoio financeiro e militar das autoridades dos Estados Unidos, os articuladores do golpe rompem com as forças democráticas e provocam o fechamento do regime político, esse é um exemplo de explicação quase mágica para o início do governo militar.

O processo, entretanto, foi complicado e precisava ser analisado com maior profundidade; nesse período foi criado um clima de terror e muita manipulação por parte dos militares contra a população brasileira, para isso usavam a mídia para tornar as pessoas reféns e fazer uma verdadeira lavagem cerebral.

Hoje após 50 anos a mídia continua manipuladora; agora o cidadão tem direito ao voto e assim fazer a diferença, participando da política e decidindo o que é o melhor para a nação brasileira a democratização é um exemplo que podemos melhorar cada vez mais o exercício da nossa cidadania.

Aluno C:

Ditadura militar, época em que o país foi comandado por militares e até hoje é um trauma para muitas pessoas. Este período foi de 1964 à 1985.

Nesta época, com as opressões que os militares faziam em cima da população, as pessoas não tinham liberdade para expor seus pensamentos e nem seus sentimentos, pois eram oprimidas pelos militares.

Tudo que era criado e feito neste período, desde músicas, programas de TV, faixas, dentre outros, tinham que passar por uma (ilegível) para

saber se poderia ser lançado, se podia ir ao ar. Caso houvesse algo que desagradasse os militares, não podia ser exposto às pessoas. Neste ano muitas pessoas foram presas e torturadas por não aceitarem tais decisões.

Atualmente, tem pessoas que ainda querem a volta da ditadura militar, mas a maioria delas não deve conhecer o que realmente ocorreu neste período no qual muitas mortes, torturas, e prisões. Quem viveu esta época sabe realmente o que é sofrer, o que é não poder fazer nada.

No Brasil, hoje em dia, temos a liberdade de expressar, de expor nossos pensamentos. Com isso acabamos tendo um mundo mais democrático que conseguiu ouvir os apelos da população e fazer o possível para resolvê-los.

Aluno D:

Anos de Horror

No ano de 2014, a ditadura militar completa 50 anos, e depois de 30 anos que acabaram as torturas e as repressão as marcas ainda estão nos brasileiros violentados.

Este ano houve uma manifestação em São Paulo que os jovens pediam a volta da ditadura. Mas porque depois de tantos anos as pessoas querem a volta de um período tão bárbaro no Brasil?

A ditadura começou depois da derrubada de Jango do governo, por causa de sua instabilidade na presidência e também pelo alto custo de vida naquela época. Em 1964 os militares assumiram o total poder do Brasil e daí em diante começaram as atrocidades torturas, censura e até morte de qualquer brasileiro que era contra a ditadura.

Esse período durou 21 anos de horror em que mataram mais de 18 mil jovens. Nos dias atuais, alguns jovens equivocados querem que o regime volte, porque eles acham que não havia pobreza e desemprego naquela época. Mas “não havia” porque a mídia censurava e escondia tudo

de ruim que estava acontecendo no país.

Aluno E:

O Período que marcou nosso Brasil

A ditadura militar foi o período do Político em que quem tomava a frente de tudo era os políticos e militares no Brasil.

A ditadura militar vai de 1964 e 1985, é caracterizado pela falta de direito do sociedade, pelos militares aos que eram contra sua política de governo.

Foi com certeza a época que houve novas manifestações e com isso, os estudantes, as organizações da população foi ganhando mais espaço, foram cada vez mais lutando pelos seus direitos, mas não foi fácil para a sociedade, com essas manifestações que milhões de pessoas foram submetidas a inúmeras torturas e muitas pessoas foram mortas também, o que mais surpreende hoje as pessoas que vivenciou a ditadura militar e sofreu todos aquelas torturas, é que muitas pessoas não preso até hoje.

Temos Como exemplo hoje, do que foi a ditadura naquela época, são as manifestações de 2013 que ocorreu em vários estados do Brasil em que várias pessoas saíam nos ruas atrás de seus direitos.

Aluno F:

A ditadura e a modernidade

Sabemos que a ditadura militar foi um dos momentos mais marcantes, e tristes da história do povo Brasileiro. O país era governado de forma manipuladora, a fim de ter o total controle sobre as pessoas.

A ditadura foi o poder concentrado na mão dos militares, que controlavam e reprimiam as pessoas na hora de pensar e agir. Muitas

peças sofriam várias torturas e perseguições por irem contra o governo militar, estes eram obrigados a seguir esse regime obedecendo suas regras! O tempo passou e com ele a ditadura também, porém o que restou disto foram as marcas causadas por esse período.

Cinquenta anos se passaram, mas se engana quem acredita que as manipulações acabaram, sofremos com isso através da TV, rádio e jornais, muitos vivem em uma grande alienação, vêem escutam notícias que muitas vezes não nos trazem a verdade de que precisamos.

A quem se engana achando que a ditadura acabou muito pelo contrário ela se encontra moderna e atualizada dentro de sua casa, para ser mais exato na sua TV e rádio, uma maneira de sair dessa manipulação, é procurar se informar, buscar novas informações, e outros meios de comunicação sem ser TV ou rádio, e formar assim sua própria opinião, sobre criticar e seguir sua linha de pensamento.

Aluno G:

O Golpe de 1964

Em 31 de março de 2014 completamos 50 anos do golpe militar. E quando falamos em ditadura militar logo o que vem em mente são os horrores daquela época.

A ditadura militar foi uma repressão aos meios de comunicação, as manifestações populares e aos partidos contrários. O primeiro presidente a assumir seu cargo nesse período foi Castelo Branco (1964-1967) e terminou com Figueiredo (1979-1985)

Nesse período foram criados o plano “milagre econômico” objetivo de desenvolver o país, mas que na verdade acarretou diversos problemas para o país, como a dívida externa que só foi paga em 2003 no governo do presidente Lula.

Em 1978 tivemos o fim do AJS e a

volta do sistema pluripartidário. 1984 ocorreu o movimento das “Diretas já” manifestação popular com o objetivo de eleger o presidente através do voto popular.

Aluno H:

A Ditadura

No período da ditadura o nosso país foi comandado por militares tendo início após o governo de João Goulart.

A ditadura no Brasil ocorreu de 1964 a 1985, Nesta época não possui liberdade de expressão, tudo que era feito tinha que ter a aprovação dos militares, como nas músicas que eram lançadas tinham que passar primeiro nas mãos dos (ilegível) para ver se podia circular.

Muitas pessoas foram presas por não concordarem com a forma de Governo imposto neste período só existia dois partidos que poderiam se enfrentar nas eleições era a ARENA e o MDB que era a oposição.

Hoje em dia existem pessoas que ainda querem a volta da Ditadura militar mas esta foi uma época muito ruim para todos.

Se a Ditadura em nosso país voltasse seria ruim para todos pois hoje em dia vivemos uma democracia, A maioria da população não deseja a volta assim nosso país continua em desenvolvimento.

Artigo enviado em: 22/12/2016

Aceite em: 13/01/2017